



*Recebido em: 22/10/2025
Publicado em: 19/11/2025
DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspico.v6n2.e006>*

POSTO, LOGO EXISTO: A IDENTIDADE DAS ADOLESCENTES NAS COMUNIDADES DIGITAIS

Camile De Souza Gelati¹ Orcid - <https://orcid.org/0009-0005-3659-5768>

Flávia De Lima Ostvalt² Orcid - <https://orcid.org/0009-0008-1624-3724>

Taymara Stefhany Medina³ Orcid - <https://orcid.org/0000-0002-7888-4614>

RESUMO. A adolescência é uma fase natural do desenvolvimento, mas além disso também é uma construção social que impacta o ser humano e suas vivências em coletividade. Quando levamos em consideração o contexto das comunidades digitais e dos papéis destinados ao gênero feminino que estão presentes nas sociedades contemporâneas que vem se tornando temas cada vez mais comum e relevantes no cotidiano dessa faixa etária, é possível observar a dimensão dos impactos na estruturação intersubjetiva, acarretando repercuções benéficas e também nocivas, visto que hoje as plataformas de comunidades digitais são amplamente acessadas pois possibilitam uma forma de socialização e expressão. Para muitos jovens, as comunidades digitais representam um espaço para conectar-se com amigos, compartilhar experiências, buscar informações e até mesmo estabelecer novos relacionamentos, acontecimentos estes que são de grande importância para os estudos acerca do desenvolvimento humano nos dias atuais. Buscando então a atualização de informações sobre a relevância da participação nas comunidades digitais, tendo impacto no amadurecimento biopsicossocial das meninas adolescentes, o presente projeto científico tem como objetivo discriminar a estruturação psicossocial das adolescentes, evidenciar a importância da presença nas comunidades

¹ Camile De Souza Gelati – Discente do curso de graduação em Psicologia Bacharelado, do Centro Universitário UniFatec. Email: cami1510.soge@gmail.com

² Flávia de Lima Ostvalt - Discente do curso de graduação em Psicologia – Bacharelado, do Centro Universitário UniFatec. Email: flavialima.ostvalt@gmail.com

³ Taymara Stefhany Medina - Docente orientadora, vinculado ao curso de graduação em Psicologia – Bacharelado, do Centro Universitário UniFatec. Email: psitaymara@gmail.com



diante da cultura brasileira e relacionar a construção da identidade do público-alvo com o consumo dos conteúdos digitais.

Palavras-chave: Adolescência. Comunidades Digitais. Mulheres.

POSTED, THEREFORE I AM: THE IDENTITY OF ADOLESCENT GIRLS IN DIGITAL COMMUNITIES

ABSTRACT. Adolescence is a natural stage of development, but beyond that, it is also a social construct that impacts the human being and their experiences in collectivity. When we take into account the context of digital communities and the roles assigned to the female gender that are present in contemporary societies—topics that have become increasingly common and relevant in the daily lives of this age group—it is possible to observe the extent of the impacts on intersubjective structuring, resulting in both beneficial and harmful repercussions. For many young people, digital communities represent a space to connect with friends, share experiences, seek information, and even establish new relationships—events that are of great significance to studies on human development today. In seeking to update information on the relevance of participation in digital communities and its impact on the biopsychosocial maturation of adolescent girls, this scientific project aims to describe the psychosocial structuring of adolescent girls, highlight the importance of their presence in communities within the context of Brazilian culture, and relate the identity construction of the target audience to their consumption of digital content.

Keywords: Adolescence. Digital Communities. Women.

Introdução

A adolescência feminina permeada pelos impactos das redes sociais possui nuances que influenciam na construção dos aspectos da autoimagem (Barbosa, 2015). Logo, o consumo de conteúdos disponibilizados globalmente nas mídias é de uma

magnitude notória na constituição de diversas percepções e expressões desse tema (Silva, 2017).

Os nichos disseminados nas redes sociais possibilitam uma ampliação de horizontes culturais que beneficiam o desenvolvimento dos adolescentes (Silva; Tessarolo, 2016). Em contrapartida, as aquisições do excesso de informações indiscriminadas podem resultar em uma apropriação generalizada de valores e comportamentos que divergem de uma relação saudável com as ferramentas tecnológicas acessíveis (Barros Júnior, 2019). Deste modo, resultando em conflitos intrapessoais, interpessoais e geracionais, acarretando em prejuízos na formação feminina em sociedade (Barcelos; Rossi, 2014).

A adolescência é reconhecida como um termo socialmente construído para representar a transição prolongada da infância até a maior idade, abrangendo as conformidades de seu significado e legislação geral segundo o contexto socioeconômico e cultural das épocas até o que há na atualidade. Com o tempo, os autores e seus estudos adentraram no termo adolescência e trouxeram complementação e divergências em suas perspectivas (Bock, 2007).

Considerando que o próprio termo adolescência passou por ressignificações em seu uso e intervenções ao longo da história, a fase por si só representa uma crise no crescimento do indivíduo, possibilitando o avanço, estagnação ou riscos na aquisição das competências cognitivas, sociais, da identidade e do conhecimento (Macedo; Andrade, 2012). A crise existe no conflito interno da consciência de transição da infância à adulteza. A qual é marcada pela imaturidade da falta de experiências, ao mesmo tempo que tenta lidar com a apresentação das responsabilidades em meio às alterações múltiplas (Papalia, 2022). Entender que as normativas sociais-culturais se relacionam com os fatores ambientais, econômicos, nutricionais, de segurança e educação do desenvolvimento adolescente é relevante para a averiguação dos valores e éticas que constituem a identidade, assim como os pontos estressores e hereditários para a prevenção (Soliman; De Sanctis; Elalaily, 2014).

Ademais, os problemas de saúde podem ser evitados ou causados pelo estilo de vida que a adolescente está imersa. Os padrões de comportamento solidificam-se durante essa fase, criando hábitos de atividades, sono, alimentação, uso ou não de substâncias e



estados psicológicos (World Health Organization, 2018). A tecnologia tornou-se uma ferramenta interativa nos hábitos anteriormente mencionados, podendo demonstrar efeitos positivos e saudáveis do seu uso, assim como prejudiciais à longo prazo na fase adulta. Tal não pode mais ser desconsiderada na avaliação da saúde integral dos adolescentes, já que esses evidenciam a acessibilidade aos meios e mídias tecnológicas. A expansão tecnológica desempenha papel na vida dos adolescentes, afetando a aprendizagem e o seu tempo, os quais escolhem as telas em vez de outros recursos empíricos para o seu crescimento (Greenfield, 2009).

O proposto trabalho visa refletir os impactos das comunidades digitais na formação da identidade das adolescentes pela análise do material bibliográfico, investigação do papel das comunidades no desenvolvimento adolescente e discussão da importância do contato digital e consequências.

Metodo

Para a realização deste trabalho, ocorreu uma pesquisa bibliográfica dos conteúdos sobre a adolescência feminina e comunidades digitais, sendo-os majoritariamente dos últimos 10 anos, utilizando artigos acadêmicos e de revistas, sendo estes tanto de origem nacional. Tais conteúdos são de cunho qualitativo, os quais oriundos de plataformas de publicações científicas, dados de órgãos governamentais e também organizações não governamentais que possuam informações relevantes aos temas abordados.

Consoante a isso, o processo de detalhamento dos conteúdos utilizados no presente trabalho passou pela leitura e revisão das informações de cada material visando obter coesão e coerência do raciocínio progressivo à corroboração dos objetivos propostos. Perante isso, o artigo propõe a compreensão dos impactos das comunidades digitais na construção da identidade das adolescentes. No qual foi usado como base as palavras-chave citadas anteriormente, as quais são destaque a cada subtópico do artigo para organização argumentativa: Discriminando o desenvolvimento psicossocial das

adolescentes, demonstrando a evolução das comunidades digitais e discutindo os efeitos paradoxais dos contatos nas redes.

Desenvolvimento biopsicossocial feminino

A adolescência feminina é permeada pelas imposições das mudanças físicas, cognitivas, psicossociais e de maturação sexual na transição subjetiva da infância à fase adulta (Papalia, 2022). A delimitação de período diferencia-se entre a Organização Mundial da Saúde (OMS), que caracteriza a adolescência de 10 a 19 anos de idade (OMS, 2025), enquanto o Estatuto da Criança e do Adolescente atribui dos 12 até os 18 anos de idade (ECA, 1990). Com isso, a subjetividade da puberdade em cada adolescente apresenta seu próprio ritmo, ainda mais pelos padrões das tendências seculares de cada geração (Papadimitriou, 2016). Entender que as normativas sociais-culturais se relacionam com os fatores ambientais, econômicos, nutricionais, de segurança e de educação no desenvolvimento adolescente é relevante à averiguação dos valores e éticas que constituem a identidade, assim como os pontos estressores e hereditários para a prevenção (Soliman; De Sanctis; Elalaily, 2014).

Consoante a isso, os rituais de passagem etária visam a maioridade e o pertencimento aos simbólicos coletivos, os quais se diferem conforme a cultura, época e poder econômico. Esses são articulados a vida relacional que a instituição familiar introduz e prepara para os contatos externos, sendo potencializados ou barrados quando os direitos fundamentais para sobreviver existem ou não (Bonadio, 2023).

A adolescência é conceituada majoritariamente como um universo de crise, segundo Rousseau (Le, Breton, 2017, apud Bonadio, 2023), e a adolescência feminina em específico formou-se e acompanha marcos históricos que mobilizam alterações significativas na reorganização mundial do tecido social. No século XVII, após as Revoluções Inglesa e Francesa, as estruturas monárquicas foram destituídas e a ascensão de lideranças democráticas de Estado possibilitaram um recomeço para estudiosos e religiões ocidentais colocassem novos pensamentos em pauta, como os valores morais, de criação e proteção das gerações (Bonadio, 2023). Todavia, as instituições sociais



caminhavam em um processo lento de uma igualdade de gênero, tendo em vista que os homens eram preparados para as responsabilidades de um agente ativo em sua comunidade, enquanto as mulheres eram moeda de troca de valores e favores, sendo refinadas desde o nascer até os sinais de maturidade sexual, o qual sinalizava estar “pronta” ao matrimônio, seu único objetivo (Campagna, 2005 *apud* Bonadio, 2023).

Já no século XXI, estudos realçaram a importância do ambiente em que as adolescentes se desenvolvem, sendo influenciado por aspectos biológicos, sociais, cognitivos, comportamentais e culturais (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias, 2010). Com o passar dos anos, a epistemologia da adolescência acompanhou os desdobramentos sociais e tornou mais popular o debate acerca do tema entre as gerações por meio dos conteúdos midiáticos, como filmes, séries, literaturas e músicas (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias, 2010). Movimentos sociais e científicos expõem que a adolescência é uma das crises humanas do crescimento, ainda mais, um luto imaginário de quem era na infância e o que os padrões sociais complexos estimulam que se torne antes mesmo de compreender quem é. Logo, a cultura rejeita o indeterminado que não se enquadra (Santos *et al*, 2024). Inteirado disso, as mulheres que não são prioridade no imaginário socialmente são ainda mais negligenciadas quando adolescentes, as quais ainda têm que decidir, conscientemente ou inconscientemente, se irão fomentar o sistema que as reprimem ou serão alvo dos preconceitos pelo desvio da norma padrão.

No âmbito da psicologia Santos (1996) demonstra visão crítica sobre qual o tipo de adolescente está sendo referenciado como modelo universal de comparação, sendo esse homem, branco, burguês, racional, ocidental de origem europeia ou estadunidense, podendo adicionar ainda cisgênero e hétero. Corrobora essa reflexão atemporal pelo modo como a Psicologia do Desenvolvimento permanece majoritariamente sendo embasada no Brasil por teorias clássicas elaboradas nos Estados Unidos e na Europa (Bonadio, 2023). Deste modo, apresentando-se uma grande questão nas pesquisas posteriores que este artigo enfatiza: “Qual é a adolescência normal?”. Por isso, é preciso a responsabilidade de uma reflexão consciente acerca de quais materiais estão sendo fundamentados na Psicologia do Desenvolvimento a fim de não contribuir para a hegemonia do poder atual, mas sim, fiscalizar e implementar políticas adequadas ao crescimento humano integral e interseccional.

Diante o exposto, o conhecimento se torna então base para o próprio autoconhecimento. Segundo Simóne de Beauvoir, não se nasce mulher, torna-se (Mano, 2019). E a autoimagem é construída e reconstruída ao longo do saber prático de cada pessoa, formando arranjos únicos de significados e significantes transmitidos pelos padrões sociais e associações subjetivas de sentido (Oliveira e Machado, 2021). Na atualidade, a imagem torna-se importantíssima na sociedade do espetáculo que insiste em exibições encenadas para assumir os papéis sociais. Logo, como o sujeito se percebe e se sente consigo no contexto em que opera propicia o registro na memória de sua identidade e das suas capacidades, permitindo-o ou não se colocar em situações que agregam a sua bagagem pessoal para novos fenômenos futuros (Macedo e Andrade, 2012).

Desperto que a adolescência é uma fase da vida de crises existenciais, provações pessoais e da busca por uma identificação, as redes sociais auxiliam de modo negativo ou positivo esses aspectos, dependendo se a adolescente for instruída sobre a tecnologia. Dentro desses aparatos, há a busca de expressões da autoimagem que compactuam com o que acham que desejam. Todavia, se a imagem foi introjetada é validada sem um pensamento crítico do que está sendo absorvido, sendo algo socialmente imposto, provocará desconfortos e insatisfações por não atingir a imagem idealizada (Oliveira e Machado, 2021).

Quando se fala acerca de representativa, trata-se de um modo de identificação com a autoimagem expressa de pessoas com características análogas ao indivíduo, sentindo-se pertencente ao que significa deter as características comuns do grupo. A linguagem é um modo de comunicar a necessidade de pertencimento em meio à diversidade, podendo essa ser de modo verbal ou não verbal, com escrita, gestual, vestuário, instrumental e pela construção do perfil virtual. As palavras possuem ideologias e orientam no seu uso as intenções do interlocutor, estando sensíveis às transformações sociais de cada época. (Pompei *et al*, 2021).

Nas redes sociais o emprego da linguagem utiliza-se de códigos como imagens, gráficos, emoticons, gírias específicas do meio digital ou do próprio perfil, os quais transmitem mensagens de livre manifestação de pensamentos e sentimentos dos usuários (Pompei *et al*, 2021). O idioma de Bezerra (2013), “Internetês”, transforma a gramática em distorções das expressões populares, recorrendo o seu uso para identificação e para

persuasão de opiniões, acarretando em um efeito paradoxal. Pois, ao mesmo tempo que rompe com limites reais dos relacionamentos e exprime uma liberdade criativa e ilimitada em recursos linguísticos, também reforma as divergências e desigualdades pela imposição de marcadores de segregação, preconceito, intolerância, impaciência e isolamento social (Pompei *et al*, 2021).

Adolescência x comunidades digitais

Como pontua Lima *et al.* (2012, p. 3), “as comunidades virtuais são o resultado de uma nova forma de organização social que surgiu na contemporaneidade: a sociedade em rede.” O autor ainda reforça que tal contemporaneidade

[...] é descrita por diversos autores como um período histórico que tem como características fundamentais a grande velocidade de transformações, a globalização, a convivência com contradições (dentre elas o global e o local), a relatividade de valores, o acúmulo de informações, a alta informatização, o avanço tecnológico e o predomínio da imagem (p. 11).

E é dentre essas características que podemos averiguar a relevância da presença adolescente nas redes e a significância das comunidades virtuais como ferramentas essenciais para o desenvolvimento da identidade e sexualidade jovem.

“A entrada na adolescência coincide, hoje, com o ingresso nas comunidades virtuais, como forma de inserção social” (Dias, 2019, p. 5), uma busca pela construção identitária emergente, que se desvincula da imagem infantil estabelecida desde os primeiros anos de vida e abre espaço aos conteúdos novos encontrados nas redes. Lima *et al.* (2012) nos afirma que é justamente na adolescência que existe uma quebra de ideais, com o aumento do questionamento de valores e significados previamente aprendidos, o que nos faz refletir sobre a criticidade desta fase do desenvolvimento onde cria-se um período de desorientações e descobertas simultâneas, fomentando a curiosidade perante a exploração do ambiente virtual, este que, segundo Dias (2019, p. 2),

[...] introduz mudanças em praticamente todos os setores sociais e culturais, inaugurando uma nova linguagem, possibilitando diferentes modalidades de

relação entre as pessoas e alterando as formas tradicionais de acesso e de transmissão do conhecimento.

“Os pais, como referências de identificação, são desidealizados, e os jovens precisam buscar novos ideais, para além dos pais” (Lima *et al.*, 2012, p. 9), por conseguinte se estabelece certo consumismo midiático virtual com fins proveitosos à estruturação dessa nova identidade, visto que “a tecnologia e internet são campos propícios para o desenvolvimento do conhecimento” (Nascimento e Requião, 2022, p. 73), disponibilizando grandioso ambiente para os desbravamentos juvenis.

De acordo com o artigo 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990, p. 10), é assegurado por lei aos adolescentes “[...] todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade,” aplicando-se a todos, sem descriminações, e, como reitera Lima *et al.* (2012, p. 9), “a internet é, na pós-modernidade, um dos principais dispositivos que a cultura oferece para os adolescentes realizarem esse trabalho de inserção social, pois ela apresenta ao jovem a possibilidade de socialização de forma mais rápida, fácil e abrangente,” possibilitando assim o amadurecimento psíquico e o desenvolvimento em meios coletivos de maneira saudável e satisfatória.

Existem infinitos tipos de comunidades digitais presentes na internet, podendo comumente serem encontradas em redes sociais, serviços de streaming, jogos, *etc.*, e com temáticas variadas como hobbies, esportes, tecnologias, comunidades de fãs, de marcas e de aprendizagem. “Cada comunidade possui um criador, que nomeia e estabelece as configurações da sua comunidade, operando como o seu administrador ou líder” e “o sucesso de uma comunidade é medido pelo número de membros que possui ou pelo grau de envolvimento dos seus membros” (Lima *et al.*, 2012, p. 8).

Na visão de Dias (2019, p. 2) “[...] a plasticidade que envolve a noção de identidade é ricamente explorada pelos jovens no ciberespaço, que podem experimentar e desempenhar diferentes papéis, inserindo-se em variados grupos virtuais”, logo

[...] o uso correto e consciente da internet pode servir como troca de experiências, suportes e ampliação das amizades, como ocorrem, por exemplo, no mundo dos jogos online e também nas redes sociais, o que ajuda no amadurecimento das crianças e dos adolescentes (Nascimento e Requião, 2022, p. 73).

No que tange a presença feminina nas comunidades, sua identidade e sexualidade se desenvolve no decorrer das experiências vividas, onde “adotam comportamentos, posturas corporais, gestos e sentidos como parte de seu corpo, mediante a imposição cotidiana de arquétipos culturais e normas sociais” (Dias, 2019, p. 4), pois nesta etapa da vida se faz necessário “[...] refazer sua imagem corporal, construir sua identidade sexual e encontrar seu lugar no mundo social, fazendo a passagem do mundo familiar para o universo social mais amplo” (Lima *et al.*, 2012, p. 9). “A capacidade de arbitrar e conduzir sua sexualidade constitui uma forma de protagonismo significativa na base da vida em que essa dimensão do ser se torna elemento essencial da sociabilidade e da construção da identidade” (Guimarães, 2019, p. 11), formando assim o sentido de vida e pertencimento às adolescentes.

É frequente o ato de renegar o desbravamento social pela segurança do não sofrer para além das angústias de entender quem se é, em meio a tantas outras pessoas discursando o que ser e não ser, pois como explica Lima *et al* (2012, p. 13),

Na atualidade existe uma maior dificuldade dos jovens no processo de construção identitária, em função da queda dos grandes ideais sociais e da multiplicidade de referências identificatórias. Essa multiplicidade apresenta duas facetas: por um lado, sugere uma maior liberdade de opções; por outro lado, esse excesso gera angústia e dificuldade para a realização de escolhas.

“A preocupação social vige na forma de integração dos jovens como membros da sociedade mediante a interiorização de valores, normas e comportamentos adultos” (Guimarães, 2019, p. 3), entretanto quando a atuação social das adolescentes fogem das normas e éticas das comunidades onde se está inserida, há grande represália e desmotivação para com este processo natural do desenvolvimento, pois “enquadrar atividades da juventude como imorais remete à ideia de declínio moral, dada a incapacidade do grupo de diferenciar certo e errado” (Guimarães, 2019, p. 3). Visto que não existe um momento de aprendizado antecipatório a todas as experiências separadas no decorrer da vida, então é natural e esperado que aconteçam situações consideradas inadequadas, que provocam estranheza e objeção.



A presença e manifestação nas comunidades digitais constantemente se depara com obstáculos:

De um lado porque as pessoas estão expostas a um conjunto de informações que nem sempre conseguem decodificar e incorporar a seus comportamentos. De outro, porque veem ampliado o espectro de suas possibilidades de conhecimento e de escolha sem condições muitas vezes de fazer essas escolhas, quer por suas condições psicológicas, quer por condicionantes socioeconômicos (Dias, 2019, p. 4).

Mas mesmo em meio a estes desafios não cabe a sociedade reprimir ou ocultar a inserção das adolescentes no meio digital pois, ainda de acordo com o ECA (Brasil, 1990, p. 17), o artigo 15 explicita que o adolescente “tem direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis”, e o artigo 16, inciso II, assegura o direito de constituir opinião e se expressar, de acordo com sua idade e desenvolvimento, o que fortalece a defesa da existência de comunidades jovens.

Efeitos paradoxais

A introdução tecnológica interferiu em setores inter e intra relacionais na sociedade contemporânea, e é notório que as comunidades virtuais na sociedade em rede promovem novos arranjos, principalmente na adolescência que está emergindo socialmente. Consequentemente, a inserção digital possui características contraditórias: impressão de liberdade de expressão indiscriminada, promoção da diversidade de produções com fácil acesso, inclusão condicionada, além de um sistema velado de codificação e decodificação de informações rápidas classicistas (Lima, *et al*; 2012).

Primeiramente, o campo digital é entrelaçado ao campo físico, logo pode-se utilizar a definição de território digital para demarcar áreas de contato na rede que se formam nas comunidades. Tais são fragmentos de decodificações extraídas das interações, as quais adquirem conotação de propriedade identitária, com sentido para além do indivíduo e do coletivo, existindo na intersecção do novo criado no agenciamento dos comportamentos (Vieira, Cristina; 2024).

A sociedade em rede é uma revolução tecnológica que institui a interdependência mundial dessa nos âmbitos econômicos, estatais e sociais, ou seja, uma fonte de informação que ganhou poder de condicionar repercuções concretas. Esse poder é uma ferramenta de compartilhamento de códigos e mensagens a fim da manutenção do controle e possibilidade de contracontrole mínimo das comunidades sob a hegemonia privilegiada (Lima, *et al*, 2012). O termo a ser empregado por autores é o informacionalismo, o qual originou-se no fim do século XX, tendo a pretensão do crescimento tecnológico e a disseminação de conhecimentos complexos (Lima, *et al*, 2012). Por um lado, mostra-se uma proposta de descentralizar a informação do Estado, organizações e mecanismos de comunicação simbólico. Todavia, a circulação de informações sem um preparo educacional fundamental e um pensamento crítico do material recebido, desencadeia transmutações no conteúdo da mensagem, afetada significativamente pelo canal, código e receptor utilizado. Deste modo, não é benéfico somente um avanço tecnológico, precisa-se de uma equidade no letramento digital das gerações em acesso.

Esse é um dilema atemporal que acompanha não somente a atualidade, mas os âmbitos da pesquisa e prática tecnológica. Lévy (1999) corrobora que o ambiente virtual dá espaço à comunidade se posicionar para resolução de conflitos locais, uma autonomia na organização comunitária e transparência para deliberações acerca das políticas públicas. Assim como Johnson (2001), expõe a liberdade de discernimento que quem tem aptidões nas redes pode buscar opiniões fora do seu convívio institucional e partilhar os seus pensamentos (Lima, *et al*, 2012).

Em contrapartida, não discordando dos pontos positivos do território digital, mas necessitando ressaltar a existência massiva das desigualdades sociais como aspectos excludentes ao ciberespaço (Bourdieu, 2007). Tal qual determina requisitos de alcance pela língua dominante que é o inglês, a linguagem abreviada e figurativa que se renova diariamente, o isolamento social e geográfico as redes por quem não têm os equipamentos na residência ou locais próximos com os itens, marcadores sociais que restringe o pertencimento às comunidades, também do tempo e capital disponibilizado à qualidade do acesso à internet (Lima, *et al*, 2012).

De acordo com Lima, *et al* (2012 p.6) *apud* de Bourdieu (2001),

As desigualdades permanecem muito fortes nas práticas culturais. A homogeneização das mensagens emitidas não leva a uma homogeneização das mensagens recebidas, e, menos ainda, a uma homogeneização dos receptores, já que toda mensagem é objeto de uma recepção diferenciada, dadas as condições sociais e culturais do receptor.

Isto é, as tecnologias podem ser um dos fatores de tentativa de mitigação das desigualdades sociais, porém empregada de modo descontextualizada só fomenta a alienação socialmente construída.

Em virtude dessa maximização do poder sistémico pelas tecnologias, lideranças comunitárias nas redes emergem reforçando produtos concentrados de decisões corporativas que circunscreve o quê, como, quando, quanto e onde quem irá consumir o que é produzido, mascarando-se de influências neutras perante comportamentos espelhados (Dupas, 2000; Lima, *et al*, 2012). A adolescência como um período de reconstrução biopsicossocial, elabora uma nova imagem corporal, de identidade sexual e expressão, transicionando da instituição familiar ao encontro de grupos de apoio, com grande probabilidade de encontrar-se em comunidades virtuais. No pós-moderno, a interação social é facilitada pela internet, tanto em fatores de rápida identificação superficial, quanto em compartilhamentos de interesses genuínos (Lima, *et al*, 2012).

Inegavelmente, a produção e consumo nas comunidades cresce constantemente, mas há fatores em comum nos códigos utilizados: tempo e imagem (Lima, *et al*, 2012). Primeiramente, o tempo relaciona-se com a compreensão linear da história contada nas timelines das redes, sendo fragmentado em um passado irrelevante ou fixado, um presente em constante necessidade de ter e ser, e um futuro uma busca por algo novo. Ademais, há uma pobreza semântica que acarreta no uso majoritário de imagens nos perfis, logo, as imagens tornando-se objeto de ideal e consumo, posicionando os corpos “valorizando-os” como capital para valor de troca. A passagem dos adolescentes se enxergarem pela instituição familiar ao vislumbre do que são nas redes visualizados pelos seus pares, sinaliza a busca por aprovação. Ou seja, constituem-se em um jogo de tentativa de reconhecimento por outros que almejam o mesmo (Lima, *et al*, 2012).

Ainda mais, o canal e código da comunicação sobressaem-se ao conteúdo da mensagem, pois nas abas de conversação o que foi dito estar em circulação na repostagem de outras pessoas é mais válido do que se destacar em um nicho específico com

embasamento (Bauman, 2004; Lima, *et al*, 2012). Ser uma adolescente sensível ao conteúdo que está em discussão no grupo de convívio cotidiano e virtual é preparar-se para estar sujeita a ir de encontro às crenças gerais. O ato de selecionar os contatos que agregam aos seus crescimentos pessoais é um movimento de revolução, e permanecer no genérico uma escolha por ocultar-se em máscaras sociais (Deleuze, 2003 ; Vieira e Cristina, 2024).

Resultados e Discussões

No decorrer deste trabalho reiteramos como certas transformações físicas, psicológicas e sociais caracterizam a fase da adolescência, transformando este período do desenvolvimento humano em um processo complexo, que nos dias de hoje ainda conta com a influência dos contextos virtuais nos quais adolescentes estão inseridas. As experiências vividas nas comunidades digitais exercem papel essencial na construção da identidade, pois possibilitam espaços de interação social que potencializam o desenvolvimento saudável, em contrapartida há também riscos significativos que devemos levar em consideração durante esse processo de amadurecimento biopsicossocial.

As comunidades digitais oferecem acesso a informações, trocas de experiências e espaço de pertencimento, favorecendo a construção da identidade e o fortalecimento de vínculos sociais, mas o contato constante sem devida orientação pode estimular padrões de vida inalcançáveis, fomentar comportamentos de risco e impactar negativamente a saúde mental. O impacto dessas experiências depende de diversos fatores, como a qualidade das interações, o nível de mediação parental ou escolar, o grau de maturidade emocional da adolescente e os recursos que ela possui para lidar com frustrações, críticas e conflitos, portanto a presença online deve ser acompanhada por processos educativos que promovam a consciência crítica e a responsabilidade digital.

Concluímos que o acompanhamento sensível e atento da família e comunidade é indispensável para que as adolescentes possam transitar por esses espaços com segurança e autonomia, sendo possível transformar as comunidades virtuais em aliadas do

desenvolvimento biopsicossocial, contribuindo para a formação de jovens mulheres mais conscientes, resilientes e capazes de ocupar seus espaços no mundo com voz ativa e bem-estar.

Considerações finais

As premissas que mobilizaram estas graduandas de psicologia a delimitar uma temática tão atual e ao mesmo tempo atemporal são que essa secção de estudos está nos focos de futuro atendimento de ambas, a adolescência e desenvolvimento da identidade feminina no mundo contemporâneo, o qual não é o mesmo de décadas atrás, mas ainda carrega marcos e cicatrizes que precisam ser olhadas para encontrarmos juntas uma cura. Ainda mais, somos mulheres que passaram e passam pelas mudanças relacionais que a tecnologia proporciona no nosso cotidiano pessoal e agora também na nossa profissão, não sendo mais um aspecto irrelevante, e sim notório que há necessidade de mais estudos a respeito deste conteúdo. As interações digitais nos chats durante o nosso primeiro ano de faculdade foi base para o retorno ao contato físico na graduação, e hoje as comunidades digitais e os nichos de psicologia moldam como os perfis que fazemos nas mídias transparece a nossa formação.

Conforme isso, o presente artigo conseguiu atingir os objetivos de análise do material bibliográfico nacional e internacional publicados majoritariamente nos últimos dez anos que abrangem as palavras-chaves que nortearam a construção dos tópicos de adolescência feminina, comunidades digitais e efeitos dessas na identidade. Outrossim, os conteúdos, sendo de cunho da psicologia ou intersetorial, foi possível investigar o papel das comunidades digitais na conjuntura contemporânea e apresentar um diálogo dos autores e autoras nos contrapontos do contato digital no desenvolvimento das adolescências e suas consequências.

Primeiramente, nas pesquisas sobre o desenvolvimento biopsicossocial das adolescentes verificamos que o material teórico passou por redefinições ao longo das épocas acerca da própria fase da vida em destaque e como “enquadram” o gênero feminino a pontos de referência masculino. Tivemos a intenção perante essa avaliação



dos conteúdos básicos sobre desenvolvimento psicológico buscar mais autoras no mesmo ano das escritas e na atualidade para evidenciar que o modo de olhar para as adolescentes não é o mesmo e que precisamos atualizar as relações condicionais das crises de identidade a outras contingências. Por mais que a relação de influência deseja com os mesmos aspectos, a intensidade que as comunidades interferem no modo de pensar, sentir e comportar é mais dinâmico e difícil de especificar com um argumento simples. Chegando à conclusão no último capítulo que o contato muda o modo como se manifesta nas relações, que é algo importante para o desenvolvimento das sujeitas consigo, com os outros e com o mundo em que operam. Todavia, se o contato for proporcionado sem uma orientação e letramento não haverá a aproximação que enriquece e equaliza, e sim uma continuidade das desigualdades sociais e de gênero que retrocedem os movimentos sociais da comunidade feminina.

Durante o processo de pesquisa encontramos alguns entraves que limitaram a construção do tema. Dentre dificuldades a principal foi não encontrar material científico que abordasse a intersecção dos temas de adolescência, gênero, identidade e comunidades digitais, sendo encontrado conteúdos separados e com nichos específicos, como músicas e jogos. Também encontramos poucos conteúdos de cunho da psicologia dissertando sobre o tema. Outro ponto foi que é um tema em constante modificação por causa do seu conteúdo, público e dinâmica tecnológica, dificultando a avaliação metodológica para quantificar e qualificar as informações com os nossos objetivos iniciais. Tanto que tivemos que adaptar ao longo do projeto científico e primeira versão do artigo o que pretendíamos abordar no prazo estipulado. Como já mencionado, o tempo também foi um fator a se considerar. Esse apresenta-se tanto em quais épocas da história da evolução da adolescência e tecnologia destacar, quanto que os conteúdos que selecionamos mais recentes utilizaram referências mais antigas do que a nossa metodologia para embasar a argumentação, sendo necessário filtrar quais autores mencionar ou detalhar. Outro ponto de vista é que muitos conteúdos importantes aconteceram simultaneamente à escrita deste artigo que seriam adições relevantes acerca das influências das comunidades digitais nos adolescentes que têm acesso indiscriminado às redes, porém, não foi possível utilizar devido ao tempo-espacão de discussão.



Deste modo, a tese deste artigo é que as comunidades digitais têm importante papel na identidade das adolescentes de hoje em dia, entretanto, precisamos quanto sociedade zelar por um acesso e consumo saudável. Sendo assim, acreditamos contribuir para os conteúdos que ampliam a compreensão dos grupos juvenis que estão na busca de pertencimento, a promoção de mais conhecimento e valorização da diversidade de expressões subjetivas, ao aumento do número de estudos que tratam a respeito do nicho de gênero e desenvolvimento humano, no aprofundamento de conteúdos atemporais e na sinalização da horizontalidade dos efeitos relacionais que a tecnologia proporciona.

Destarte, sugerimos que este tema não permaneça somente neste artigo, mobilizando novas ramificações que abordem o que não foi possível neste. Por exemplo: Como as formas de expressão dos adolescentes se manifestam nas comunidades?; Se o público masculino tem as comunidades incel, quais são as comunidades femininas?; Quais são as psicoeducações de uma interação saudável nas redes sociais?; Quais os modos de averiguação e fiscalização dos comportamentos digitais existem atualmente?; Como as instituições sociais se enquadram no novo mundo digital?; Quais os principais criadores de conteúdos da atualidade e como ditam as tendências sociais?; Como os conteúdos consumidos tem adultizado as adolescentes?. Dentre tantos outros possíveis que se manifestam dentro da clínica e fora dessa.

Referências

Barbosa, A; Coord, F. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids online Brasil. **Comitê Gestor da Internet no Brasil**. São Paulo, SP. 2015. Disponível em:
https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf
Acesso em: 17 abr 2025.

Barcelos, R. H; Rossi, C. A.V. Social media and adolescents: an analysis of ambivalent consequences and consumption strategies. Social media and adolescents: an analysis of ambivalent consequences and consumption strategies. **Base - Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 11, n. 2, p. 93-110, 17/07/2014. São Leopoldo, Rio Grande Do Sul. Disponível em:
<http://revistas.unisinos.br/index.php/base/article/view/base.2014.112.01> Acesso em: 22 abr. 2025.



Barros Junior, R. A. de. Médico e influenciador: um estudo sobre a comunicação em saúde no Instagram. In: **Anais XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, p. 1-10, 2019. Goiânia, Goiás, 22-24 maio 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centroeste2019/resumos/R66-0210-1.pdf> Acesso em: 22 abr. 2025.

Bezerra, B. G. O discurso acadêmico sobre língua e linguagem na Internet. **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, 5, Recife. Anais... Recife: UFPE, 2013. p. 1-20. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/010318135142185651> Acesso em: 18 jun. 2025.

Bock, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63-76, jan. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007> Acesso em: 17 abr. 2025.

Bonadio, R. M. **Adolescência Feminina: Uma reflexão sobre a vulnerabilidade social**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2023. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/bitstream/handle/36340/1/ROBERTA%20MAIA%20BONADIO%20-%20TCC.pdf> Acesso em: 18 jun. 2025.

Bourdieu, P. **Escrito na Educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Organizadores). Editora Vozes. 9 ed. Petrópolis, RJ. 2007. Disponível em: https://docentes.ifrn.edu.br/nonatocamelo/disciplinas/etica-no-servico-publico/texto/escrito-na-educacao-texto-de-pierre-bourdieu/at_download/file Acesso em: 13 out. 2025.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. 8^a ed. Brasília, Senado Federal, 2025. Disponível em: <https://livraria.senado.leg.br/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente> Acesso em: 15 ago. 2025.

DIAS, V. C. *et al.* Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. e179048, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048> Acesso em: 18 ago. 2025.

Greenfield, P. M. Technology and informal education: What is taught, what is learned. **Science**, 323 (5910), 69-71. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.1167190> Acesso em: 22 abr. 2025.

Guimarães, J. S. “As meninas hoje tão muito soltas”: os discursos institucionais que fundamentam o processo de regulação moral. **Pro-Posições**, v. 30, p. e20170105, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0105> Acesso em: 16 ago 2025.

Lima, N. L. D; *et al.* Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 2-18, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000300002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 10 ago. 2025.



Macedo, C. M. V. de; Andrade, R. G. N. Imagem de si e Autoestima: A Construção da Subjetividade no Grupo Operativo. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 74-82, jul. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472012000100010&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 17 abr. 2025.

Nascimento, R. C.; Requião, M. DESAFIOS NA INSERÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE NA ERA DIGITAL. **Revista Direitos Culturais**, v. 17, n. 41, p. 69-83, 3 maio 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20912/rdc.v17i41> Acesso em: 14 ago. 2025.

OLIVEIRA, M. R. D.; MACHADO, J. S. D. A. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2663–2672, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08782021> Acesso em: 22 abr. 2025.

Papalia, D.E. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre. Artmed. 2022.

Papadimitriou, A. Timing of puberty and secular trend in human maturation. In: P. Kumanov & A. Agarwal (Eds.), **Puberty: Physiology and abnormalities** (pp. 121–136). Basel, Switzerland: Springer International Publishing. 2016. Disponível em: <https://doctorlib.org/physiology/puberty-physiology-abnormalities/11.html> Acesso em: 17 abr. 2025.

Pompei, T; Gouveia, L. M. B; Ramos, P. F. M. D. S. REDES SOCIAIS: influência, identidade e diferença na contemporaneidade. **Em Sociedade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 93–111, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2595-7716.2021v3n2p93-111> Acesso em: 18 jun. 2025.

Rosado, L. A. D. S; Tomé, V. M. N. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681324612565> Acesso em: 18 jun. 2025.

Rosemberg, F. Teorias de gênero e subordinação de idade: um ensaio. **Pro-Posições**, Campinas/SP, v. 7, n. 3, p. 17-23, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644211/11640> Acesso em: 19 jun. 2025.

Santos, B. R. **Emergência da concepção moderna de infância e adolescência: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1996. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf> Acesso em: 18 abr. 2025.

Santos, J. C. D; Souza, A. A. D; Corrêa, B. G.; Melo, G. C; Sodré, G. E. Subjetividade digital em adolescentes na pandemia: um olhar da Psicologia Analítica. **PsicolArgum.**, 2024 abr./jun., 42(117), 654-682. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.117.AO13> Acesso em: 18 jun. 2025.



Schoen-Ferreira, T. H; Aznar-Farias, M. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227–234, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004> Acesso em: 18 jun. 2025.

Silva, C. R. M.; Tessarolo, F. M. Influenciadores digitais e as redes sociais enquanto plataformas de mídia. In: **39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, p. 1-14, 2016. São Paulo, São Paulo, 05-09 set. 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2104-1.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2025.

Silva, T. D. O; Silva, L. T. G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862017000100009&lng=pt&nrm=isso. Acesso em: 22 abr. 2025.

Soliman, A; De Sanctis, V; Elalaily, R. Nutrition and pubertal development. **Indian Journal of Endocrinology and Metabolism**, 18(Suppl 1), S39. 2014. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4266867/> Acesso em: 18 abr. 2025.

World Health Organization. **Adolescence: Health risks and solutions**. 2018. Disponível em: <http://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/adolescents-health-risks-and-solutions>. Acesso em: 22 abr. 2025.